

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ADRIANA MELO DOS SANTOS  
ANSELMO LUIZ XAVIER  
ELAINE REGINA DE MELO COSTA**

**FESTA DO VAQUEIRO EM PORTO DA FOLHA**

**Própria - SE  
2008**

**ADRIANA MELO DOS SANTOS  
ANSELMO LUIZ XAVIER  
ELAINE REGINA DE MELO COSTA**

**FESTA DO VAQUEIRO EM PORTO DA FOLHA**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em História.

**Orientador: Prof. Msc. Renaldo Ribeiro Rocha**

**Própria -SE  
2008**

Aos nossos pais, pelo incentivo nos estudos e aqueles que tanto valorizam a cultura do nosso município.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus por nos dar o dom da vida e sabedoria ajudando-nos a crescermos e superarmos os momentos difíceis na trajetória do nosso curso.

Aos nossos familiares pelo incentivo, paciência e presteza que nos deram, contribuindo na nossa formação.

Ao nosso orientador e Mestre Professor Renaldo Ribeiro Rocha, pela paciência, compreensão, carisma, dedicação para conosco e por acreditar na nossa capacidade.

Aos nossos professores que contribuíram mostrando-nos o caminho do saber incentivando-nos a prosseguirmos, em especial prof. Rogério Freire Graça, Pedro Abelardo de Santana e Daniel de Castro Bezerra.

Aos nossos colegas de turma que ao longo do curso criamos laços de amizade, transformando momentos de dificuldades em alegria e sorrisos.

E, finalmente a todos os colegas de outros cursos que compartilharam conosco as viagens até a Universidade.

A cultura histórica tem o objetivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesma.

Anselmo Xavier

## RESUMO

No vasto território sergipano a criação de gado inseriu-se como elemento de povoação e penetração do mesmo e complementando o setor canavieiro da nossa economia.

Do todo abordado no trabalho é possível fazer um parâmetro do gado como elemento de contribuição entre algumas regiões do Nordeste.

É necessário enfatizar a vida do homem sertanejo que junto ao gado penetrou essa região. Deixando impressa sua “marca de sertanejo”, caboclo do sertão.

O encontro desses sertanejos, ou seja, de vaqueiros quando iam separar os rebanhos, transformou-se num grande acontecimento. Davam-se, assim, as festas de apartações.

Nesses encontros surgiram as vaquejadas; essa prática é revivida e celebrada até hoje em várias partes do Nordeste. As vaquejadas consagram os mais capazes na derrubada do boi.

Em Porto da Folha a Festa do Vaqueiro é comemorada há quase quarenta anos, constituindo-se como evento de maior destaque em relação as demais que integram o calendário festivo local.

**PALAVRAS CHAVE:** gado; povoação; vaquejada

## **ABSTRACT**

In the vast territory sergipano the creation of cattle entered as a part of town and the same penetration and complementing other sector of the economy.

From all addressed in the work we can do a parameter of cattle as part of contribution between some regions of the Northeast.

It is necessary to emphasize the life of the man who sertanejo near the cattle entered the region. Leaving printed its "brand of sertanejo," caboclo the sertão.

The meeting of these sertanejos, ie when vaqueiros went separate the herds, became a major event. Davam, therefore, the festival of apartações. In those meetings emerged vaquejadas; revivida and the practice is concluded to date in various parts of the Northeast. The vaquejadas devote the most capable in the overthrow of the ox.

In Porto the Folha do Vaqueiro the festival is celebrated for almost forty years, constituting themselves as the most prominent event on the other incorporating the timetable festive place.

**KEYWORDS:** livestock; village; vaquejada.

## LISTA DE FOTOS

Foto 01: Estrada que serve de passagem para boiadas. ....	15
Foto 02: Vaqueiros ... ..	18
Foto 03: Vaqueiro vestido com seu traje de couro .....	22
Foto 04: Curral de gado .....	29
Foto 05: Par de vaqueiros derrubando o boi pela cauda .....	36
Foto 06: Vaqueiros em busca da rês na caatinga.....	37
Foto 07: Antônio de Chico, um dos fundadores da festa .....	39
Foto 08: Cartaz da 37ª Festa do Vaqueiro .....	41
Foto 09: Alvorada festiva da Festa do Vaqueiro .....	43
Foto 10: Autoridades dando boas vindas aos vaqueiros e visitantes .....	43
Foto 11: Sanfoneiro .....	44
Foto 12: Vista parcial do Clube do Vaqueiro .....	45
Foto 13: Vaqueiros segurando o boi .....	46
Foto 14: Desfile dos vaqueiros pelas principais ruas da cidade .....	48



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1 .....	13
1.1 - A Penetração do Homem no Sertão Nordestino .....	13
1.2- O Vaqueiro e suas Obrigações .....	16
1.3 - A Alma Poética do Vaqueiro .....	18
1.4 - A utilidade do couro.....	21
CAPÍTULO 2 .....	24
2.1 - Como se Iniciou o Processo de Expansão de gado em Sergipe .....	24
2.2 – A Atuação dos Capuchinhos no Sertão Sergipano Folha .....	27
2.3 A formação das primeiras fazendas de gado em Porto da Folha.....	29
CAPÍTULO 3 .....	34
3.1 – A Festa do vaqueiro de Porto da Folha.....	34
3.2 Os três dias de Festa do Vaqueiro .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	52

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho teve como objeto de estudo a Festa dos Vaqueiros de Porto da Folha, no entanto para uma melhor compreensão da mesma foi necessário uma análise de como a criação de gado adentra os sertões, explicando dessa forma a presença tão significativa do gado nessa região e como isso ao longo dos anos tornou-se diversão para os sertanejos.

Sabemos que desde a colonização do Brasil, o litoral é a parte de um processo de formação e que há no interior uma grande área que se apresentou por muito tempo como uma grande incógnita os brasileiros. É preciso ir buscá-lo com persistência, foi dessa forma que percebemos uma gente que corre na caatinga sem medo, dispostos a sofrimento, povo que louva e festeja. Sempre vestidos de couro e muita fé prontos para surpresas. É o vaqueiro que une trabalho e diversão.

Buscando aproximar a dimensão da história de Sergipe com a do município de Porto da Folha percebemos a expansão do gado como um dos fatores relevantes para a realização de tal processo, e daí, a explicação dessa região ser marcada com a presença do mesmo.

Desde o início do povoamento do sertão sergipano, mais precisamente na região do Rio São Francisco, foram constituídas grandes fazendas de gado. Os donos dessas fazendas não conheciam todo o seu gado, função esta atribuída ao vaqueiro. Esse trabalho do vaqueiro era labuta e também diversão, daí surge uma explicação para a vaquejada de Porto da Folha.

Apesar de no Nordeste haver muitos festejos com o gado não se sabe ao certo qual a origem das vaquejadas, elas não foram originadas das touradas espanholas e nem das portuguesas.

A Festa do Vaqueiro desde o início de sua realização continua acontecendo até hoje, porém, muitos ao longo desses anos de realização foram sendo introduzidos como também outros já não fazem mais parte da mesma, como por exemplo uma eleição da musa dos vaqueiros a cada ano.

O objetivo principal desse trabalho é estudar como a Festa dos Vaqueiros surgiu, baseando-se na História de colonização do Brasil, na tentativa de explicar não somente ela como tradição inventada e sim como elemento que tem toda uma base fincada desde os primórdios as colonização sergipana.

Para construção de parte do texto utilizamos uma bibliografia que serviu para uma melhor compreensão da criação de gado no interior do sertão sergipano, vale ressaltar que todas as obras abordadas dentro do trabalho foram utilizadas para explicação teórica na construção do primeiro e segundo capítulos, já as mesmas se completam. O terceiro capítulo foi trabalhado com base na História oral, onde realizamos entrevistas e obtivemos informações cruciais para um bom andamento do presente trabalho a partir de conversas informais como também fotografias, cartazes, entre outros materiais que serviram de apoio na construção do último capítulo.

Para realizar as entrevistas utilizamos de pen drive e anotações. Essas entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, além destes locais visitamos o clube do vaqueiro.

No primeiro capítulo abordamos a penetração do homem no sertão nordestino, as obrigações dele enquanto vaqueiro podemos constatar um lado de afeição e apego ao seu universo simbólico, materializado na cultura advinda da sua lida contínua com a terra e com o gado.

O segundo capítulo como se iniciou o processo de expansão do gado em Sergipe, no qual descrevemos o que ocorreu e o papel dos Capuchinhos nessa região perante os

obstáculos no convívio entre sertanejos e índios, na formação das primeiras fazendas em Porto da Folha.

No terceiro e último capítulo nos detivemos em analisar a Festa do Vaqueiro de Porto da Folha, onde fizemos um esboço das nossas entrevistas, mostrando a chegada de novos elementos introduzidos na mesma. Esse último capítulo teve como base primordial a oralidade das pessoas dessa comunidade, guardada em suas memórias parte dessa história.

# CAPÍTULO I

## 1.1 A Penetração do Homem no Sertão Nordestino

A criação de gado surgiu como atividade complementar a produção de açúcar na zona da mata Nordestina, mas apesar de ser uma atividade de princípio secundária naquela época, desempenhou um grande papel no desbravamento, na conquista e povoamento dos sertões do Brasil. A penetração do gado pelo interior do Nordeste começou do Recôncavo baiano via Sergipe, até o vale do rio São Francisco e foi acompanhado por um movimento de gado, idêntico, porém mais lento, ao longo da margem esquerda em direção a Pernambuco, o rio São Francisco formando a fronteira entre duas capitanias.

Em fins do século XVII no sertão do Nordeste, da Bahia ao Maranhão, estava desbravado e ocupado pelas fazendas de gado, esses movimentos foram grandemente acelerados; porém a população era pequena, má distribuída de modo mais ou menos contínuo, concentrando-se ao longo dos rios.

Não podemos deixar de mencionar a importância da região do vale do rio São Francisco, pois é ela que oferece as melhores condições naturais para a expansão pastoril. A criação ficou tão bem estabelecida que o rio São Francisco passou a ser conhecido como o “rio dos currais.” Eram tantas as fazendas de gado na região pastoril do Nordeste que havia mais de quinhentas ao longo das margens do São Francisco e seus afluentes. No interior da Bahia continha mais de meio milhão de cabeça de gado, e os sertões de Pernambuco, mais de oitocentas mil. Segundo Barreto: (1978: 40)

Desde o início do século XVII com a descoberta de ouro, quando o povoamento já avançara o São Francisco até o tributário rio das velhas, em Minas, e poucos anos mais tarde um viajante escreveu que não fora dormi ao ar livre uma noite sequer durante toda a viagem de Salvador até a área onde se extrai o ouro, pois era possível passar cada noite no rancho de vaqueiros numerosos e hospitaleiros localizados ao longo do percurso (BARRETOIN: Revista de Cultura, 1978 p. 40.)

Na obra de Charles Boxer (2000) diz que Antonil garante que aproximadamente todo o gado criado nas regiões da Bahia, e muitos de Pernambuco, pertenciam as principais famílias latifundiárias, como: Dias D'Ávila da Casa da Torre, e as do Guedes de Brito da Casa da Ponte. A criação dessas fazendas ou sítios - estes em menor escala- forneciam gado em pé para cidades do litoral, principalmente para Salvador e Recife, mas o enviava também para o Sul, para os arraiais mineiros de Minas Gerais, ou até mesmo para o Norte, e para o Maranhão.

Um proprietário ao adquirir legal ou ilegalmente terra suficiente para um sítio precisava de vários capatazes, pois havia necessidade de que o gado antes de mais nada se habituasse a sua nova localidade, e isto às vezes demorava um pouco, e quando estabelecido em sua nova localidade a depender da propriedade era de costume um ou mais vaqueiros ficarem responsáveis pelo sítio.

Ainda no século XVII os conquistadores era uma massa de guerreiros vivendo em arraiais, se transmudam em curraleiros. Eles se adaptam às novas contingências, e o gado passa a ter papel importante na nova era. Se, por um lado, os conquistadores vão conseguindo mais terras para o seu domínio e vão ocupando-os com o gado, dá-se o despovoamento com a expulsão de milhares de indivíduos que estavam habitando essas terras, é o que podemos chamar de substituição de gente pelo gado.

Depois de extinguido os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais decididos em busca de melhores condições de vida levaram as famílias para as fazendas temporariamente ou definitivamente, construindo assim casas sólidas, espaçosas de alpendre hospitaleiro, currais, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de

redes ou pano grosseiro, açudes, engenhos para preparar rapaduras, capelas, criando até cavalos de estimação, construindo desse modo espaços que se tornaram próprios quanto ao uso dos recursos aí disponíveis, como também a peculiaridade das relações decorrentes desse universo tão singular do sertão nordestino no período colonial.

Ainda no século XVII, as diversas regiões da colônia estavam ligadas entre si pelos “caminhos do gado”. Avançando por quase toda a extensão do território, o gado abriu caminhos que formaram as bases de muitas ferrovias e rodovias. Criou-se um mercado interno, promovendo-se intenso comércio de gado e escravos do Nordeste, reses e mulas do Rio Grande do Sul. Apesar de ter sido uma atividade secundária, a pecuária desenvolveu o mercado interno, possibilitando que as maiores partes dos lucros gerados por ela ficassem na colônia.



**Foto 01: Estrada que serve de passagem para boiadas.**  
**Fonte: Acervo de Adriana Victor**

## 1.2. O Vaqueiro e suas Obrigações

Isolados nos sertões, os vaqueiros criaram sua própria identidade, ao invés de se esgotar, se renova a cada momento. Na obra de Marcos Cezar de Freitas (2005) ele nos informa sobre um viajante chamado Henry Koster que viajou durante onze anos pelo litoral e sertão de Pernambuco e demais estados nordestinos, revelando nos seus escritos o cotidiano dos homens das camadas populares, pois o próprio conviveu com escravos, moradores, lavradores, sertanejos e vaqueiros nos estados do Rio Grande do Norte e Ceará. Sobre o vaqueiro descreve sua vestimenta e aparelhamento:

É a figura comum do sertanejo em viagem. Montava um pequeno cavalo com cauda e crinas cumpridas. A sela era um tanto elevada adiante e atrás. Os estribos eram de ferro ferrugento e os freios da mesma forma. As rédeas eram duas correias estreitas e longas. Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro tanado, mas não preparado, de cor suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito, ligada para detrás com quatro tiras e uma jaqueta também feita de couro, a qual é geralmente atirada num dos ombros. Seu chapéu de couro tinha a forma muito baixa e com abas curtas. Tinha calçado os chinelos da mesma cor e as esporas de ferro eram sustidas nos seus pés nus por umas correias que prendiam os chinelos e as esporas. Na mão direita empunha um longo chicote e, ao lado, uma espada, metida num brodié que lhe descia da espada. No cinto uma faca e um cachimbo curto e sujo na boca. Na parte posterior da sela estava amarrado um pedaço de fazenda vermelha, enrolada em forma de manto, que habitualmente contém a rede e uma muda de roupa, isto é, uma camisa, ceroulas e, às vezes, umas calças nanquim. Nas bruacas que pendiam de cada lado da sela conduzem geralmente farinha e a carne assada do outro lado, e o isqueiro de pedra (as folhas de mecha), fumo e outro cachimbo sobressalente. A todo esse equipamento, o sertanejo junta ainda uma pistola, cujo cano longo desce pela coxa esquerda, e tudo seguro) (KOSTER in FREITAS, 2005:51-2).

Como visto na citação de Henry Koster, o sertanejo retratava um homem suficientemente preparado para as condições de vida que levava, enfrentando qualquer surpresa ou perigo.

Cabia ao vaqueiro várias funções, marcar os bezerros, proteger o gado contra o ataque dos animais selvagens, curar doenças, cuidar para que não se perdessem e para que tivessem pastagens e água suficientes, queimar os campos alternadamente na estação



apropriada, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Muitas vezes para cumprir bem com seu ofício de vaqueiro, ele deixava de dormir à noite, e nas madrugadas não se encontravam em casa, especialmente na época do inverno, sem dar importância ao perigo das maiores chuvas e trovoadas, porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumavam marcar as vacas que estavam próximas a parir e trazê-las para que não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras.

O homem sertanejo, digamos, o vaqueiro levava uma vida laboriosa e saudável, geralmente nada ganhava pelos primeiros quatro ou cinco anos em que ficava num sítio, depois passava a receber apenas um de cada quatro bezerros nascidos, com isto sonhando em um dia iniciar o seu próprio negócio.

Os vaqueiros podiam ser tanto de raça africana, européia ou ameríndia, mas de fato o que predominava eram mesmo os mestiços. Eles formavam um grupo social de confiança e de respeito entre si, intensamente orgulhosos de suas habilidades especiais, e intensamente desdenhosos dos cidadãos e de suas manhas.

Na condução das boiadas, os que a trazem são homens brancos, mulatos, pretos e também índios que com este trabalho procuram ter algum lucro. Para guiar o gado alguns iam adiante cantando, para serem seguidos pelo gado; outros vinham atrás das rezes tangendo-as e tendo muito cuidado para que não saíssem do caminho e se amontoassem. As jornadas são de quatro, cinco e seis léguas, conforme a comodidade dos postos aonde não de parar. Porém, aonde há falta de água, seguem o caminho de quinze e vinte léguas, marchando de dia e de noite, com pouco descanso, até que encontrem lugar aonde possam descansar. Quando chegam a algum rio que tem de atravessar, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando mostra às rezes o lugar mais raso do rio por onde deveriam passar.

Por maior cuidado que se tivesse na condução das boiadas, algumas rezes acabavam desviando-se, outras fracas ficavam incapacitadas de continuar a marcha. O gado que não conseguia seguir viagem era vendido para algum morador que se estabeleceu nos caminhos e comprava por pouco preço este gado desvalorizado que mais tarde voltavam a ficar em boas condições. Eram também estes moradores que vendiam as sobras de suas pequenas lavouras aos viajantes.



**Foto 02: Vaqueiros ...**  
**Fonte: Acervo de Adriana Victor**

### **1.3 A Alma Poética do Vaqueiro**

De acordo com Câmara Cascudo foi através da “cantoria” sertaneja ou poética de improviso que foram registradas as histórias dos animais que fugiam das fazendas. Há também outros versos que celebram os processos da “ferra”, - isto é marcar com o ferro em brasa o quarto da rês, deixando impressas letras que indicavam o nome de seu proprietário. Há outra forma onde o vaqueiro reconhece o animal, cortando um pedaço da orelha.

O gado era criado à solta, distante das fazendas; os vaqueiros de toda redondeza se reuniam para dar o campo às rezes, esse era o momento da apartação, ou seja, a divisão do gado pelos seus proprietários. Cada vaqueiro regressava conduzindo a boiada do seu patrão. Ao mesmo tempo essa reunião de vaqueiros era também a oportunidade para que eles demonstrassem toda a sua bravura e superioridade em relação ao animal, sendo também o momento de mostrar todas as suas façanhas para as moças. Como cita Câmara Cascudo:

“Antes da profissão havia um folgado, puxava-se o gado, numa exibição de força, destreza e alegria da rara convivência social. Era tempo de namoro, de amor e de noivado. Nas grandes vaquejadas vinha a banda de música. Cada animal derrubado dava ao vencedor um laço de fita no braço e uma salva de palmas. E as moças viam essas proezas.”

Muitos versos falam do “ferrão”, por que até meados do século XIX a derrubada do gado era feita através do ferrão. O vaqueiro corria atrás do boi e com uma ferroadada, brusca e forte, na parte traseira, ele derrubava o boi ao chão. Alguns versos antigos do século XVIII, descrevendo as vaquejadas, só falam da vara de ferrão: Antes que de lá saísse amolou o seu ferrão”; “Lá vem seu Antonio do Monte com sua lança na mão”.

Na vaquejada o processo mais popular é derrubar o animal puxando-o pela cauda. Quando o animal sai correndo, ao mesmo tempo em disparada correm os dois vaqueiros em seus cavalos velozes, correm lado a lado o da esquerda é o esteira, esse mantém o animal numa determinada direção. Num dado momento o vaqueiro da direita segura a ponta da cauda da rês e, num brusco safanão, puxa-a e solta imediatamente, é a “mucica”. A rês perde o equilíbrio e cai de patas para o ar. Irineu Jofili descreve esses dois processos:

“A queda era motivada por um forte e rápido impulso lateral que o vaqueiro dava, ou puxando a cauda da rês- QUEDA DE RABO- ou por maio do ferrão de sua aguilhada - QUEDA DE VARA; e quando o impulso era tal que, na perda do equilíbrio, a rês girava sobre o lombo, chamavam- virar o mocotó; e essa prova de destreza fazia o orgulho desses centauros. “estas sextilhas fotografam a vaquejada”

Os versos a seguir demonstram o processo que o vaqueiro realiza para a pega de boi no mato, como diz Câmara Cascudo na citação acima.

Perseguiram um novilho  
 Que pelo pátio estirou...  
 Torquato fazendo “esteira”  
 Francisco “tarrafeou”  
 E deu tal queda no bicho  
 Que o mocotó passou!

Miguel Barbosa foi páreo  
 Treze com Isidro machado,  
 Barbosa deu tal mucica  
 Era um boiote lavrado,  
 Que o bicho morreu da queda,  
 Tendo o pescoço quebrado

Mesmo o sertanejo desempenhando papel importante no sertão com o manejo do gado, antes de ser consagrado, surgiu a homenagem aos animais que justificavam sua presença na conquista da terra. Os autores dos poemas encaram a defesa do animal perseguido e vitimado. Não há “verso” elogiando o vaqueiro ou até mesmo seu cavalo veloz. A inspiração desses poetas populares prestigia o derrotado, trazendo-o sempre vivo para um ambiente de simpatia, dando despedidas irônicas aos vaqueiros fa-lhados.

É nas vaquejadas que muitos aboiadores tem a oportunidade de exibirem seus talentos; improvisando versos, poesias que descrevem a bravura dos bois, recordam as festas de apartação. Segundo Barreto: (1978: 41)

Em torno de ajuntamento de vaqueiros e vaquejadas, formou-se um cancionero rico e melodicamente tocante (...). São os aboios ou cantos sem acompanhamento instrumental, algumas vezes apenas sons guturais, formando uma melodia triste. Serviam para tanger o gado e/ou lamentar a perda de uma rês morta. (ibidem,1978: 41)

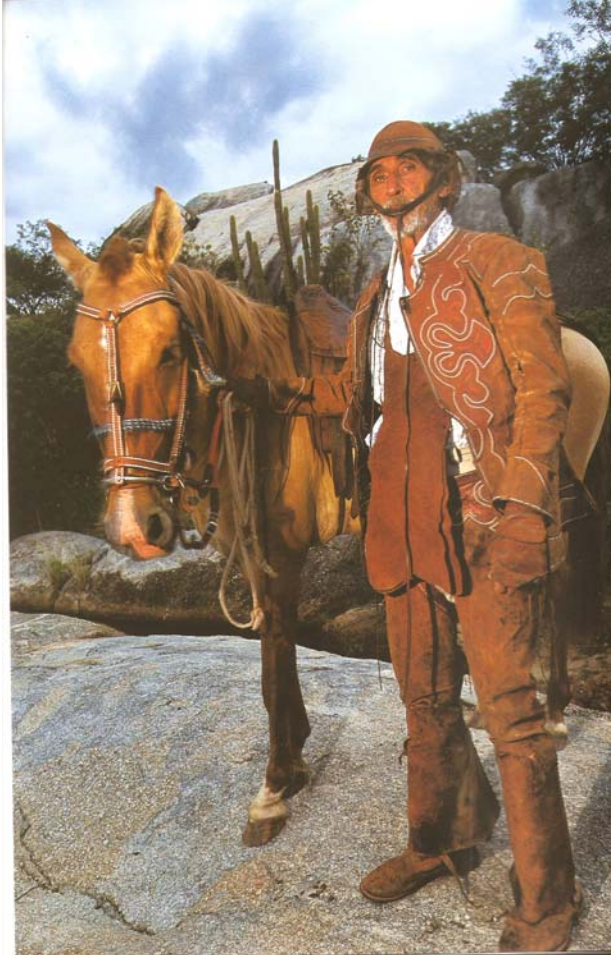
O aboio típico no Nordeste é um canto sem palavras, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado para os currais ou no trabalho de guiar a boiada para a pastagem. É um canto dolente, com uma melodia lenta, adaptada ao andar vagaroso dos animais, finalizando sempre por uma frase de incitamento à boiada: ei boi! Boi surubim! ei lá, ei lá!. O

vaqueiro pode estar atrás ou na frente da boiada, o gado vai ouvindo o canto e seguindo-o, o aboio também é usado no mato, para orientar os companheiros dispersos durante as pegas de gado, ou até mesmo o vaqueiro na porteira do curral olhando o gado entrar.

#### **1.4 A utilidade do couro**

Da vida do sertanejo podemos apanhar vários fatos como até dizer que atravessaram a época do couro como diz Capistrano de Abreu (1988, pág. 170) “de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas das facas, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banquetes para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz”.

O couro é a vestimenta do vaqueiro. Todas as suas peças são fabricadas com o couro de bode quase sempre, usavam chapéu, gibão, guarda peito, perneira, luva e bota. Peças que servem para o seu trabalho, dando-lhes assim também o símbolo de guerreiro. A couraça que a muitos lembra uma armadura é chamada de terno de couro. O traje feito para a lida e ajuda a compor a estética dos vaqueiros.



**Foto 03: Vaqueiro vestido com seu traje de couro**  
**Fonte: Acervo de Adriana Victor**

O couro utilizado para o fabrico da vestimenta do vaqueiro, passa por um processo onde o couro é costurado, trabalhado, enfeitado. Depois de curtido, será grosado, raspado. Leva um banho de óleo de caroço de algodão. Quando seco, vai ser enrolado e batido, muitas vezes, com um pedaço de madeira, até que fique mole, macio, pronto para ser trabalhado. Estrelas de Salomão, arabescos, ramagens são marcadas nas peças, adornos do couro.

Em sua obra Adriana Victor (2006) utiliza a poesia de Gerardo Mello Mourão para retratar a época do couro:

### Suíte do Couro

No precipício, era o couro.  
Navegavam nos couros o sertão de couro,  
E o sertão era couro, e o couro era o sertão.

E, às vezes, serras, Ibiapabas, Borboremas, Serra Azul,  
onde o boi ensebado escorregava à mão couruda  
do vaqueiro encourado, ao laço, ao relho peludo.

No principio, era o couro – as caronas fofas,  
a guaiaca de anéis e patações,  
peia, maneia, chinha e sobrechinha,  
dicionários curraleiros de laços e ligas,  
regeiras e ligários e fiéis, entre bruacas de mercado,  
surrões de sola vermelha para a farinha branca,  
manguás de açoite, patuás de rezas, atabaques de festa.

Na garupa  
Das selas da vaqueta e alforjes bordados,  
Era a paçoca pisada no pilão de pau-d'arco;  
As rações de água fresca viajavam  
Na borracha de sola ao balanço da canga dos bois de carro...

(VICTOR. 2006: 13)

## CAPÍTULO II

### 2.1 Como se iniciou o processo de expansão de gado em Sergipe.

Ao mesmo tempo em que a colonização sergipana teve seu início, atrelada à expansão do gado, tendo como ponto de partida o Rio Real, com as cartas de doações de sesmarias – estas concedidas as pessoas que dispõem de maiores condições financeiras; no entanto para o tal processo fazia-se necessário uma exigência por parte da Coroa onde o beneficiário passava por um processo de avaliação financeira bem como suas pretendidas atividades que seriam ali a desenvolvidas..

Das 220 doações de sesmarias, registradas por Felisbello Freire entre os anos de 1594 a 1625, a grande maioria, ou seja, 145 delas foram solicitadas para a criação de gado vacum, cavalari e outras criações de muita importância. A pecuária tornou-se assim a principal atividade dos sergipanos.

Outro fator que contribuiu para o desbravamento do ocidente sergipano foi à ocupação holandesa, pois os criadores ao fugirem dos invasores, tangiam seus rebanhos adentrando os sertões. Além deste um outro fator que contribuiu foi a busca das minas de prata e salitre nas duas primeiras décadas do século XVII, pois apesar do fracasso do objetivo de encontrar minerais, os caminhos que foram abertos nos sertões serviriam, depois para as boiadas passarem.

Alguns requisitos contribuíram para a investida do gado do interior, como nos diz Capistrano de Abreu: (1954: 213-214)



“O gado vacum dispensava o litoral, pois como as vítimas dos bandeirantes, a si próprio transportava das maiores distâncias e com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprios ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, condição de alta valia num país de população rala; quase abolia o capital, capital fixo e circulante a um tempo multiplicando-se sem interstício; fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos da terra e da água, usados na marinha. De tudo pagavam-se apenas em sal; forneciam suficiente sal as barreiras dos sertões”. (ABREU, 1954: 213- 214.)

De acordo com a citação acima, podemos perceber que o gado teve uma característica marcante no território sergipano, tendo assim uma marca expressiva; pois era importante na alimentação, transporte, principalmente no engenho tem um papel gigantesco.

Garcia d’Ávila quando fez a ocupação do território sergipano, estava interessado na atividade da pecuária; e grande parte das terras dos sertões sergipanos recebeu a casa da Torre. Seu interesse pelas pastagens locais remontava à expedição de Luís de Brito em 1575. O objetivo de Garcia d’Ávila era expandir a criação do gado adentrando os sertões e fazendo a irradiação do povoamento.

As fazendas que vão surgindo com o desenvolvimento da pecuária eram destinadas não somente a criação de um único tipo de gado e sim de várias espécies como é o exemplo de: bovinos, muares, eqüinos, o gado miúdo, expressão designativa dos suínos, caprinos e ovinos. Assim faz a casa da Torre, que através de seus prepostos, concorreu para povoar as extensas áreas recebidas, ocupando-as com os rebanhos.

“Grande parte da terra sergipana ficou envolvida nas centenas de léguas de terreno adquirida pelos Garcia d’Ávila, que, desde o primeiro representante e fundador, em Tapuapara, se estenderam celeremente, a partir de Itapoá até São Francisco, enorme herança que deixara o Velho Garcia d’Ávila, ao falecer, em 1609. E seus sucessores continuam a execução do grande plano, muito especialmente aquele arguto e ambicioso sacerdote, que foi o padre Antônio Pereira.” (CALMON in BEZERRA in NUNES, 1996: 116)

Tornaram-se, assim, os foreiros da Casa da Torre importantes agentes do povoamento de Sergipe.

“Os pontos de parada para descanso das reses, os animais estropiados, que eram deixados pelos tangedores o que davam nascimento, mais tarde, a fazendolas; os pontos de encontro dos boiadeiros, que estabeleceram o seu comércio e permuta de bovinos, tudo concorria para expansão do nosso território, episódio complementar da ocupação do Leste e Nordeste interiores, e tem o seu inapagável testemunho na toponímia local.” (BEZERRA in NUNES, 1996: 116.)

Notadamente, a família dos Garcia d'Ávila, sobre o comando da Casa da Torre influenciou na expansão de gados e ao mesmo tempo no povoamento do território sergipano; pois ao mesmo tempo em que o gado ocupava o sertão - este também ia sendo povoado.

Maria Thetis Nunes (1996) nos relata que através da expansão do gado houve marcas significativas dessa atividade na vida dos sergipanos. Grande é o número de núcleos urbanos que a ela devem à origem, conforme demonstra a toponímia: Curral do Meio, Curral das Pedras, (Curralinho há duas localidades), Divina Pastora, Estância, Fazenda Nova, Fazenda de Cima, Fazendinha (duas), Fazenda Grande, Campos do Rio Real, Cabrito (duas). Diversas outras localidades também tiveram a origem ligada a criação de gado como Simão Dias, Riachão dos Dantas, Aquidabã, Siriri, Carira, Nossa Senhora das Dores, Campo do Brito.

Vivendo nos sertões e distantes do poder público, o homem sertanejo vivia entregue à própria sorte, fazendo assim sua própria organização administrativa o que traria mais tarde a essa sociedade características próprias onde:

“O homem não conheceu feitores que lhe orientassem os serviços nem fiscais que lhe exigissem o cumprimento estrito das tarefas: não conheceu cercas que lhe barrassem o caminho solto e espontâneo; não sofreu o disciplinamento da proximidade de padrões rigorosos e muito menos a ação coercitiva do poder público. Não soa estranho, portanto, que o arrojo pessoal, o aventureirismo e um acentuado gosto pelas situações violentas aflorassem num homem com estas características. Nos seus menores gestos, é possível surpreender os traços fortes de sobrançeria, de orgulho exagerado, das susceptibilidades agudas, especialmente no plano das questões de honra.”(MELO in NUNES, 1996: 152)

Desse modo, assim foi construída a identidade do homem sertanejo, com suas próprias características, onde os diferenciava de outros. Reunindo assim elementos de

coragem, garra na luta constante pela sobrevivência, especialmente em épocas onde a terra ficava escassa, dando-lhe poucas alternativas de sustentabilidade e até mesmo para criação do gado. Vivendo desse modo sem fidalguia.

## **2.2 A Atuação dos Capuchinhos no Sertão Sergipano**

Como ocorreu em todo o Brasil no início da colonização, no sertão de Sergipe não foi diferente, as missões Capuchinhas desempenharam um papel frente aos sertanejos; porém elas se depararam muitas vezes com empecilhos perante as mesmas, pois a Casa da Torre como ocupava a maior parte das sesmarias bem como se destacava junto ao governo; confrontou muitas vezes os religiosos. Esses confrontos eram causados porque o gado pertencente à Casa da Torre invadia as plantações dos índios e sertanejos, causando assim destruição e conseqüentemente prejuízos para os mesmos. Foram tantas as vezes que a Casada Torre deixava seu gado penetrar nas terras pertencentes aos sertanejos que Frei Martinho de Nantes afirmou que “a imensa fortuna acumulada por Francisco Dias D’ Ávila e sua família crescia à custa do sangue dos índios”, “A invasão dos territórios indígenas pelo gado gerava uma serie de conflitos entre índios e curraleiros, envolvendo evidentemente o Estado e a Igreja, esta através das missões “. (DANTAS in SOUZA, 1997: 66)

Diante dos obstáculos, os índios juntos aos missionários ainda enfrentaram a família dos Dias D’ Ávila, no entanto como não possuíam as mesmas armas do colonizador aos poucos iam sendo enfraquecidos, pois durante essas lutas muitos deles eram mortos, reduzindo assim o número de habitantes daquelas localidades, os que não aceitavam prestar serviços para a Casa da Torre acabavam sendo expulsos e os que queriam permanecer ali, como nos diz Maria Thetis Nunes (1996) foram escravizados, tornando-se “vaqueiros”,

“boiadeiros”, “cabras do sertão”, “caboclos”, “sertanejos”. Até mesmo os religiosos aos poucos iam se dando por vencidos perante os Dias D’Ávila, ali permaneciam criando gado e possuindo escravos também.

A freguesia de São Pedro do Porto da Folha surgiu como ponto de refúgio dos índios que fugiam dos maus tratos dos colonizadores – estes por sua vez na tentativa de escravizá-los fizeram com que o sertão de Sergipe fosse penetrado chegando à Ilha de São Pedro. Os Capuchinhos alcançaram o território sergipano, visando catequizar os índios que habitavam a Ilha de São Pedro do Porto da Folha.

Em Porto da Folha as missões Capuchinhas se deram em torno dos índios Aramurus, os quais foram sendo catequizados aos poucos, muitas vezes essas ações eram solicitadas pelos criadores de gado, ou seja, os fazendeiros com o objetivo de manter o gentio afastado, e também ao mesmo tempo o seu rebanho em segurança, deixando assim o índio a viver em condições de “recompensas”. Destacamos nessas ações religiosas os Capuchinhos Franceses que logo edificaram uma igreja passando a agregar grupos de catequizadores tanto na ilha do São Pedro como também grupos procedentes das serras de Pão de Açúcar do outro lado do Rio São Francisco no atual Estado de Alagoas.

Logo que foi estabelecida a relação de paz entre os religiosos e os nativos, os Capuchinhos iniciaram as mudanças. Obrigaram aos nativos a semear, plantar e preparar as suas refeições, segundo o dizer de Martinho de Nantes. Em seguida fizeram com que os índios se distanciasse dos seus atos religiosos, que mesmo assim os faziam escondidos na hora de caçar e pescar... Esse procedimento perdurou até o século XIX.

### 2.3 A formação das primeiras fazendas de gado em Porto da Folha

“...o que faz a riqueza deste município é a criação de gado vacum, cavalari, assim como a plantação de arroz, é o que mais abundam...” (SILVA, 1980: 20)<sup>1</sup>

De fato as ascensões das criações de gado no território de Porto da Folha se deram evidentemente no período da ocupação dos sertões, no século XVIII, e a primeira metade do século XIX tem na verdade seu crescimento, interesses pecuaristas.

Ao florescer do século XIX, o avanço das fazendas de gado em Porto da Folha torna-se notória apesar dos obstáculos surgidos pelo clima.



**Foto 04: Curral de gado**  
**Fonte: acervo pessoal de Antônio de Chico**

O autor Francisco Carlos Teixeira (1980) faz em sua tese tal alusão ao termo “fazenda”, com base em dicionários antigos, pois seu intuito era definir quais eram as fazendas ou sítios existentes nessa região. Ele também faz uma análise detalhada do Livro de

---

<sup>1</sup> Documento não identificado, data de Curral de Pedras, em 17 de setembro de 1859, APES, Cml (47) IN: Francisco C. Teixeira da Silva. O problema da terra no sertão do S. Francisco (1820-1930. RJ, 1980. pág. 20

Registro de Terras de 1856 da Freguesia do Porto da Folha para um maior aprofundamento a respeito do tema.

Segundo o mesmo, algumas áreas foram reconhecidas tradicionalmente como fazendas, outras tinham que serem analisadas, sendo sujeitas a passarem por questionamentos. Procurando utilizar documentação qualitativa, diferentemente do existente nos registros, pois os termos: posse, sorte ou sitio, eram comumente aceitos e mostravam uma realidade com seus limites, daí os questionamentos a serem feitos pelas formas diferenciadas que apresentam de acordo com a forma que o homem ocupava essas áreas. (ou termos citados acima).

Dos registros existentes no Livro, constava nos assentamentos a expressão fazendas com os termos “criar gado” ou “ter gados”. Alguns exemplos:

“Eu abaixo assignado possuo no município da villa...do Porto da Folha uma Fazenda de criar gados vacum...” (ibidem, 1980:32)<sup>2</sup>

“João e Augusto da Câmara e Érico...da Fonseca proprietarios do engenho da Mata nesta Província de Sergipe possuem uma fazenda de gado situada no certao do |Porto da Folha denominada Melancia com terras próprias, e as quais confina com a fazenda Mão Esquerda, Alta da Cruz, Jaramataia e pouço da Eutenia.” (ibidem, 1980: 32)<sup>3</sup>

“Inocência Pereira Lima possui nesta freguesia uma posse de terras pro-indivizo onde tem sua fazenda de gado no lugar denominado olho d’agua”.  
.”( ibidem, 1980: 32) <sup>4</sup>

“Manoel Gaspar de Mello, possui hum sitio de terras onde tem sua fazenda de gado nas terras Capivara...” (ibidem, 1980.35)<sup>5</sup>

De acordo com os exemplos acima retirados do livro de Registro de Terras do município é notável que a definição da fazenda é dada quando na era de terra se cria gado, da mesma forma e/ os sítios; todas as áreas que são destinadas a criação do gado e não de cultivo,

---

<sup>2</sup> Assentamento n. 6, Livro de Registro de Terras.

<sup>3</sup> Assentamento n. 20, idem.

<sup>4</sup> Assentamento n. 209, idem.

<sup>5</sup> Assentamento n. 216, idem.

as pessoas eram habituadas chama-las de fazendas, não importando se os termos utilizados fosse “posse” ou até mesmo sítio.

A maioria dos documentos oficiais da Câmara Municipal do Porto da Folha no período de 1820 a 1930 as quais Francisco utilizou-as para escrever a respeito do tema preocupam-se em afirmar a importância e as vezes a exclusividade da pecuária. Podemos atribuir ao fato do município está situado numa área onde não favorece ao plantio devido às secas; daí a criação de gado ser tão relevante para os habitantes de Porto da Folha, como nos consta em ofício da câmara do município em 30 de junho de 1856 que diz:

“...as terras deste município são quase exarceis, infrutíferas por ser Sertão sujeito a muitas secas; nem huma produção e nenhum gênero de cultura hé aqui abundante e florescente, por quanto a criação de gado vacuum hé o ramo de que se serve a mor parte dos habitantes, o que faz algumas fortunas de alguns, e isto mesmo assas falível...nas margens do Rio São Francisco nos lugares de várzeas, e lagoas cultivava-se o arroz em grande quantidade cuja produção...necessita de boas cheias ou grandes inundações...e não hé tão parecedora como a do milho e feijão, que não obstante produz em pequena porção...” (SILVA, 1980: 21)

De acordo com a citação acima é visível a importância que a criação de gado representava para o município, onde a agricultura não era tão rentável quanto a pecuária. A pecuária necessitava de alguns elementos como chuvas e trabalho braçal; elementos esses que o gado dispensava.

As primeiras fazendas a surgirem em Porto da Folha se dão ainda no tempo em que o seu território abrangia os atuais territórios das cidades de Gararu, Poço Redondo, Canindé de São Francisco e Itabi. Essas fazendas concentravam-se num eixo, que vindo da região da Travessia e Maiáda Vermelha, em Providencia (entre o Riacho Matias e o Providencia) avançando em direção a Ribeira do Gararu (Fazenda do Embuzeiro, Melancia, Tanque, etc...) até o Riacho da Mão Esquerda até atingir o Riacho do Cachorro, fazenda Barra da Onça.

O que podemos ver com base no trabalho de Francisco Carlos Teixeira da Silva, é a concentração de posses de terras que se desdobram em sítios e fazendas na concentração de Porto da Folha e Curral das Pedras (atual Gararu) formando assim uma espécie de cinturão entre as fazendas ao pé da serra e o próprio rio São Francisco, permitindo-nos observar uma clara diferenciação geográfica entre posses e fazendas, segundo Francisco. No mesmo trabalho desenvolvido pelo autor nos mostra um demonstrativo dos sítios e fazendas existentes na data de 1856, vejamos a seguir:

<b>Localização</b>	<b>Nº</b>
Riacho do Meio	01
Aru eiras	01
Riacho Grande	02
Monte Santo	01
Pedra D'água	01
Bom Jardim	01
Pouco Verde	01
São José	01
Caxueirinha	01
Estreito	01
Dois Riachos	01
Buraco	01
Capivara	01
Várzea Nova	01
Lagoa Cumprida	01
Riacho Grande	01
Salgadinho	01
Telhado	01
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>

<b>Sítios de Terras</b>	<b>Nº.</b>
Dois Riachos	03
Cutuvello	02
Maiáda Vermelha	01
<b>Total</b>	<b>06</b>

<b>Sítios de Gado</b>	<b>Nº.</b>
Janipatuba	02
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>



Podemos ver, desta forma, que os termos são facilmente intercambiáveis, não guardando nenhum significado especial, além de parcela proveniente da partilha e heranças, neste sentido, pouco ou nada diferem de posses ou mesmo dos sítios, sendo que em alguns, porções, quinhões e “**sortes**”<sup>6</sup> aparecem sob a forma de sítios, posses ou fazendas indistintamente.

---

<sup>6</sup> SORTE: O que coube por partilha; quinhão; lote de fazenda; porção; quinhão havido por partilha; faixa de terrenos que coube a alguém; courela de terreno que coube a alguém na partilha de baldios. (ibidem, 1980: 40-1)

## CAPÍTULO III

### 3.1 A Festa do Vaqueiro na cidade de Porto da Folha

Na literatura colonial não há registro das vaquejadas  
Como as conhecidas no Nordeste brasileiro (CASCUDO, 1984: 106)

No Brasil, são inúmeras festa que envolve o gado e que ainda é muito freqüente no Nordeste das quais as que mais se destacam são as touradas e a corrida de mourão.

No entanto, nenhuma dessas festas tem os objetivos práticos da “apartação”, que servia para juntar o gado disperso no campo em um grande curral, a fim de que houvesse a identificação das reses de cada propriedade e também dos vaqueiros presentes.

Ao mesmo tempo essa reunião de vaqueiros era também a oportunidade para que eles aperfeiçoassem a técnica da derrubada, demonstrasse a sua bravura e superioridade em relação ao animal. A falta de divertimento, distância vencida, tudo contribuía para aproveitar o momento e festejar e além disso aproveitar a ocasião para separar um bom número de reses para a vaquejada.

Segundo Barreto:

É difícil e também o acha Luis Câmara Cascudo determinar as origens da nossa vaquejada. Ela não veio da tourada espanhola nem da portuguesa, muito embora em alguns momentos, como no século passado, quando o vaqueiro usava o ferro para subjugar o boi esse gesto lembrasse as festas européias. (BARRETO in REVISTA SERGIPANA DE CULTURA: 1978: 40)

Apesar de não saber a origem das vaquejadas, de onde veio o hábito de derrubar o animal puxando-o pela cauda, uma prática que é muito comum nas festas nordestinas.

De acordo com Câmara Cascudo: (2000: 719)

... A vaquejada propriamente dita, o folguedo de derrubar o animal, puxando-o bruscamente pela cauda Indo o vaqueiro a cavalo. Correm sempre dois cavaleiros, e o colocado à esquerda é o esteira, para conservar o animal em determinada direção. Emparelhando o cavaleiro ao novilho, touro, boi ou vaca, aproximando o cavalo o vaqueiro. Segura a cauda do animal dando um forte puxão e no mesmo instante afastando o cavalo. (CASCUDO in REVISTA ATUALIZADA,2000: 719)

Assim ocorre a festa de derrubada ou vaquejada, onde touros, novilhos têm a honra da participação na festa, alguns homens ficam dentro do curral para controlar as reses que estão famintas e inquietas. No momento que vai começar a corrida, o animal é tangido para fora da porteira com força, e sai em disparada, ao mesmo tempo em que segue um par de vaqueiros em seus cavalos velozes, correm ao lado, o da esquerda forma o esteira, esse mantém o animal numa determinada direção, corre os dois vaqueiros atrás da rês, e quando estão se aproximando o vaqueiro segura pela cauda e puxa com força è a “mucica” desequilibrando o animal e este cai de perna para o ar, geralmente nesse momento há um público aplaudindo. Se o animal rebola no solo, de patas para cima diz que “passou o mocotó” ai o vaqueiro recebe aplausos do público presente, mas quando ele deixa o boi escapar é o que se diz “bota no mato”, quando isso ocorria significava que o vaqueiro tinha perdido a chance de demonstrar sua bravura em relação ao animal e nesse momento ao invés dos aplausos ele era vaiado.



**Foto 05: Par de vaqueiros derrubando o boi pela cauda**  
**Fonte: Acervo Parque de vaquejada Dona Neli**

A vaquejada é uma festa muito popular no sertão chamando atenção de um grande número de pessoas que gostam da festa de gado ou que gostam das demais atrações que ela oferece, despertando o interesse, sobretudo dos vaqueiros que vêm de muito longe com os seus cavalos.

Os vaqueiros que povoavam às margens do Rio São Francisco se instalavam nas grandes fazendas, onde o gado era tudo, os vaqueiros gostavam de fazer festas, corridas na caatinga, e apartação. Com todas as características abordadas sobre vaquejadas podemos perceber as semelhanças que existem com as festas dos vaqueiros que acontece todos os anos na cidade de Porto da Folha.



**Foto 06: Vaqueiros em busca da rês na caatinga**  
**Fonte: Acervo Inventário Fotográfico de Adriana Victor**

Como foi abordado, no capítulo anterior há predominância da pecuária nessa região, desde o início da ocupação dessas terras. Sendo assim demonstramos que a Festa dos Vaqueiros de Porto da Folha teve seu início com as corridas de gado no mato. Os animais dessa região eram criados soltos, nos campos, livres, onde não haviam cercas de arames farpados que os separassem, fazendo com que eles fossem se afastando muito de seus proprietários, exigindo dessa forma a habilidade dos vaqueiros para trazê-los até os donos. Essas corridas no mato eram motivo de orgulho para o vaqueiro que conseguisse dominar o animal raivoso e valente.

Apesar das corridas e apartações que já existiam nessa região, foi a partir de 1969 com Frei Angelino, filho natural de Porto da Folha e pároco da localidade que se criou a festa dos vaqueiros, onde ela passou a ter uma estrutura organizada, com estatuto e leis que são cumpridas por todos que desejam participar do evento. O próprio Frei Angelino em sua entrevista sobre a festa diz:

Não me considero um fundador, me considero que fui um líder para a fundação, mas outras pessoas que sem elas não teria havido a primeira festa, estiveram presentes, convocados por mim na igreja e se interessaram para que acontecesse aquilo que depois se tornou um fato que veio até hoje.(Entrevista concedida em 07/12/2007 na cidade de Porto da Folha.)

A vaquejada tornou-se uma festa tradicional muito importante para nossa cidade, ainda de acordo com Frei Angelino o que motivou sua fundação foi:

Era no tempo da ditadura e havia um movimento de eliminar pequenos possuidores de terras para aumentar o poder dos grandes, esta tendência geral da ditadura. Então nos conversamos com essas pessoas no campo, em reuniões, um dos motivos recomendados pela Diocese era lembrar ao povo a necessidade de ficar possuindo suas terras, então é que veio a partir daí, para motivar uma estima maior de ser camponês, de ser pequeno, trabalhar na terra, cuidar do gado, veio a idéia de uma festa dos vaqueiros, para a alta estima de cada um, para a afirmação dessas pessoas. (Entrevista concedida em 07/12/2007 na cidade de Porto da Folha.)

Apesar da festa ter sido criada com o objetivo de motivar o pequeno proprietário a cuidar da terra, a empolgação do pequeno camponês, do vaqueiro, existia, mesmo que ele não tivesse seu próprio rebanho. A festa era o momento em que esse homem do campo sentia-se valorizado, exaltado, incluindo-se no evento que era preparado com eles e para eles. Com isso a pega de boi na caatinga em Porto da Folha tornou-se uma tradição, onde os próprios vaqueiros faziam as festas nas horas de folga. Como já mencionamos foi a partir do ano de 1969, que instituiu-se uma sociedade com uma diretoria composta por várias pessoas, entre essas tinha Tonho de Chico que foi eleito secretário e nos deu uma entrevista onde faz o seguinte comentário:

“Na primeira festa só compareceram poucos vaqueiros, os das redondezas, “ A gente só soltou três bois no campo, ainda era uma festa pequena, mas ficamos muitos satisfeitos”. (Entrevista concedida em 05/04/2007)



**Foto 07: Antônio de Chico, um dos fundadores da festa**  
**Fonte: Acervo pessoal de Antonio de Chico**

Como lembra o entrevistado devido a seca ocorrida em 1970, não foi possível realizar-se a festa, mas a partir do ano seguinte ela passou a acontecer sem interrupção sendo setembro o mês escolhido por ser uma época que apesar de não ser inverno, o campo ainda está verde devido as chuvas ocorridas entre julho e agosto. A cada ano que passava a festa crescia mais.

Com isso a comissão organizadora passou a convidar prefeitos e vaqueiros das cidades vizinhas e a cada ano aumentava também o número de animais soltos na caatinga para os vaqueiros pegarem. Depois que terminava o processo da pega de boi no mato, os vaqueiros que conseguiam pegar as reses, vinham para a cidade e eram aplaudidos, faziam um percurso por algumas ruas desfilando com o boi todo enfeitado e ganhavam troféus.

Ao longo dos anos a festa ainda permanece com quase todas suas práticas, a corrida do gado acontece na caatinga, porém a cidade é que se prepara para receber todos os visitantes que vêm participar das festividades.

A festa dos vaqueiros, totalmente estruturada teve início no ano de 1969, hoje estando perto, portanto de completar 40 anos de sua realização. No mês de setembro a cidade se mobiliza para receber os visitantes, pessoas que vêm de várias localidades do Brasil e também os portofolhenses que residem em outras localidades, fatores estes que aquecem a economia local, sobretudo os setores de vestimentas e calçados. Antes mesmo do mês que se realiza a festa, a comissão organizadora tem a preocupação em marcar a data para a realização do evento, a confecção de cartazes, entre outros preparativos. Em fim, a programação de todas as atrações que ocorrerão na festa; como também a preocupação de receber as várias turmas de vaqueiros e locais para alojá-los. Isso ocorre quando o vaqueiro participante da pega do boi no mato não tem parentes residentes na cidade.





**Foto 08: Cartaz da 37ª Festa do Vaqueiro**  
**Fonte: Arquivo da Secretaria de Turismo de Porto da Folha**

Esse clima efervescente de festa, aumenta ainda mais nas semanas que antecedem as comemorações. Nas principais ruas da cidade são montadas barracas de bares, carros ambulantes de comida, e das residências que também abrigam os que vêm à festa. Nesse período também são vendidos muitos cavalos, pois muitos querem um animal para participar da festa, fazendo o cavalo como um animal de passeio na cidade nos dias que se realiza a festa. Contamos ainda com vários jogos de bingo onde são rifados vários cavalos e alguns arriscam a sorte tentando conseguir o animal para participar da programação da festa.

A partir do ano de 2005 passou-se a realizar um evento quatro dias antes da festa do vaqueiro, a chamada Semana Cultural, onde se tem início na segunda-feira e é encerrada na quinta-feira, tendo como objetivo mostrar todas manifestações culturais do município de Porto da Folha.

Esse evento conta com a parceria de vários órgãos públicos como também particulares, juntamente com a secretaria do Turismo, Cultura e Lazer do município e do Estado. As escolas da cidade e dos povoados ficam encarregadas de apresentar algo referente a cultura do município. Durante esses dias há uma programação para essas apresentações e exposições que são expostos na Praça da Matriz como : os grupos de danças, teatro, cantores, aboiadores entre outros que se apresentam no palanque oficial, nesses dias não há um público tão expressivo quanto o que há nos três dias da Festa do Vaqueiro.

### **3.2 Os três dias de Festa do Vaqueiro**

A Festa do Vaqueiro tem seu início logo ao amanhecer da sexta-feira por volta das 04:00 horas da manhã com uma alvorada festiva, saindo um ou até mesmo dois carros de som percorrendo as principais ruas da cidade acordando toda a população, nesta alvorada se encontra um número significativo de vaqueiros, mas especificamente da região portofolhense e simpatizantes que aderem ao evento. É feita a queima de fogos durante o percurso, juntamente a ele vêm também os aboiadores e as bandas de pífano. Após passar nas principais ruas da cidade, a alvorada tem seu momento culminante ao chegar na Praça da Matriz, onde as autoridades políticas e religiosas recepcionam esses homens, bem como homenageiam os vaqueiros do município e de outras localidades que se fazem presente a este primeiro momento da festa, onde è normalmente entregue a chave da cidade aos vaqueiros de forma simbólica.



**Foto 09: Alvorada festiva da Festa do Vaqueiro**  
**Fonte: Arquivo de José Medeiros**



**Foto 10: Autoridades dando boas vindas aos vaqueiros e visitantes**  
**Arquivo: Acervo de José Caio Feitosa**

A partir desse momento é apresentado no palanque oficial sanfoneiros, banda de pífano, shows com artistas da terra e diversas outras atrações.



**Foto 11: Sanfoneiro**

**Fonte: Acervo da Secretaria de Turismo de Porto da Folha**

Ainda durante todo o dia da sexta-feira, continua a expectativa pela chegada de mais vaqueiros, pois nesse primeiro dia de festa, eles não vão ao mato participar da pega de boi, é um dia só de recepção; aproveitam para se divertirem com as bandas apresentadas no palanque oficial como também a partir das vinte horas as bandas de forró pé-de-serra e pífano apresentadas no Clube do Vaqueiro- este é também um local onde os vaqueiros nesses três dias de festa fazem as suas refeições. É na sexta-feira também que muitas pessoas começam a andar à cavalo passeando pelas ruas da cidade, crianças e até idosos.



**Foto 12: Vista parcial do Clube do Vaqueiro**  
**Fonte: Acervo de Anselmo Xavier**

No sábado da festa há também alvorada festiva. Na Praça da Matriz, por volta das 08:00 horas da manhã é oferecido um reforçado café da manhã, no qual é servida alimentação típica do sertão, como: cuscuz, macaxeira, carne do sol, batata doce, queijo, entre outras; em seguida ocorre um momento de oração. A prece é feita pelo pároco, nesse momento os vaqueiros são abençoados e se dirigem ao parque Nilo dos Santos, local onde ocorre a pega de boi na caatinga.

Para poder participar da pega de boi no mato, o vaqueiro paga uma taxa de inscrição; os animais ficam presos em um curral, a comissão organizadora fica na porteira para liberar o animal que vai correr para o mato; ocorrendo em seguida a perseguição ao animal por um par de vaqueiros, sendo comum também ser mais quatro ou cinco.

Quando consegue alcançar a rês, o vaqueiro pula em cima dela, segura pelos chifres ou derruba pela cauda, a forma como o animal é pego não importa, o que realmente importa é o vaqueiro amarrar e trazer o animal de volta para o curral, pois só assim é provado a sua bravura de vencedor.



**Foto 13: Vaqueiros segurando o boi**  
**Fonte: Acervo - de José Medeiros**

Ainda no sábado durante o dia, enquanto os vaqueiros se divertem no Parque Nilo dos Santos com a pega de boi na caatinga, na cidade há muitas pessoas passeando em seus cavalos, como também se divertindo ao som do trio - elétrico este elemento da festa só foi introduzido na mesma a partir da década de 90, aumentando assim o número de pessoas, principalmente os mais jovens.

Alguns setores da sociedade viram a presença do trio elétrico de forma negativa, principalmente pelo grupo dos vaqueiros. Em conversa informal com alguns, eles mostraram com clareza o desprezo pelos trios elétricos. Vejamos o que diz o senhor José Alves de Oliveira em sua entrevista:

Oi esses è porque não pode mais deixar de vim não por causa da juventude, mas esse è que è ruim, esse `e que vaqueiro não gosta disso aí, isso è que não presta trio elétrico.( Entrevista concedida no dia 15/03/2008 na cidade de Porto da Folha)

Porém as opiniões entre os vaqueiros divergem a respeito da interferência de trios elétricos na festa. Na fala de Didi que também é vaqueiro e já foi presidente da festa por vários anos, ele diz:

A interferência... è boa assim, porque ele impede umas coisas mas melhora em outras, porque o trio ele atraí muitas pessoas, eu sei que o vaqueiro não gosta, porque impede assim, ou deixa como quem tira a beleza deles ,mas a gente também tem que aceitar que muita gente precisa de um trio para se divertir. E o vaqueiro tem a outra parte, destar que ele se diverti do mesmo jeito. (Entrevista concedida no dia 18/03/2008 na cidade de Porto da Folha)

Embora a chegada dos trios elétricos não agrade alguns vaqueiros, divergindo opiniões entre eles, existe uma variedade de gostos na festa, ela tende a se diversificar para tornar-se atrativa para todos.

Como já falamos antes, essa festa foi criada por um frade, numa proposta pastoral da Igreja, de valorizar o pequeno possuidor de terra, assim como preservar as corridas na caatinga, que permanece viva e que a cada ano mais adeptos aderem a festa.

Mesmo dentro de uma proposta pastoral da Igreja, o vaqueiro não é muito ligado a ela, muitos deles não sabem nem rezar o pai nosso, no entanto a tradição da benção, da oração dos vaqueiros continua a acontecer no sábado da festa, quando é feita a prece e rezam o Pai Nosso do Vaqueiro:

Pai nosso que estás no céu, santificado sejam todos os vaqueiros aqui no sertão e no céu, venha a nossa o vosso reino, seja feito tudo a vossa vontade, amansai esse mundo cruel, Jesus filho de Deus, Jesus também sofreu, Jesus também passou privação, Jesus sou filho teu, Jesus tem pena de, Jesus olhai pra o nosso sertão. Daí nos pão pra não morrer de fome, abrandai a maldade dos homens, só conheço a opressão e omissão livra-nos do mal da caatinga do seu lado nada me intimida és vaqueiro, és pareia meu irmão.( ARACAJU, Antonio Carlos du. Coisa de Buraqueiro. Gravador Independente, 1982. )

Ao pôr-do-sol termina a festa no Parque Nilo dos Santos e a vaqueirama regressa a cidade, onde a farra continua com o forró pé-de-serra no Clube do Vaqueiro, com muita bebida e animação, são entoados aboios, toadas, há a presença de sanfoneiros e outros. Valendo a pena lembrar que todas essas atrações se encontram também no local da corrida no mato, fazendo a festa dos vaqueiros e de todos que gostam de festa de gado.

As atrações da festa, como as bandas de pífano não ficam somente no Clube do Vaqueiro, há outras bandas de forró eletrônico, apresentadas no palanque oficial, destinadas ao público que não gosta do forró pé-de-serra, a festa tem várias atrações atendendo aos vários gostos do público. Essas bandas tocam até o raiar da manhã de domingo.

No domingo se dá o encerramento da festa, mesmo assim a euforia ainda permanece e mais uma vez a vaqueirama se encontra defronte a Igreja Matriz para o solene cortejo dos vaqueiros pelas ruas da cidade, realizando-se o desfile oficial dos vaqueiros encourados com os cavalos, sendo acompanhados por sanfoneiros, aboiadores, carros de som, bandas de pífano, prefeito, vereadores, demais autoridades civis, militares e o povo em geral.



**Foto 14: Desfile dos vaqueiros pelas principais ruas da cidade**  
**Fonte: Acervo pessoal de Anselmo Xavier**



Logo após o desfile, no palanque oficial ocorre a entrega dos prêmios- estes são entregues aos vaqueiros vencedores, pela comissão organizadora junto a algumas autoridades do município.

O encerramento da festa não termina com a entrega de prêmios aos vaqueiros, ela continua até a noite do domingo com shows de bandas e sanfoneiros no palanque oficial. Ainda no domingo depois do desfile, muitas pessoas se deslocam para o povoado Ilha do Ouro às margens do Rio São Francisco, que fica a seis quilômetros da cidade, onde a festa continua com a presença de trios elétricos.

Apesar dessa festa não ser mais apenas na caatinga, a comunidade dos vaqueiros mantém o interesse pelas práticas realizadas desde o início, juntando numa mesma festa a euforia dos vaqueiros, fazendeiros que emprestam o gado para correr no mato e todos aqueles que gostam da festa de gado como também o turista que vem motivado para a festa na rua, aqueles que às vezes não conhecem às práticas da vaquejada, também não procuram conhecer porque na cidade ele è atraído por outras diversões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos nosso estudo foi possível constatar que o homem penetra no sertão sergipano em função do gado – todavia este é considerado como o responsável pelo desbravamento e povoação nessa região do Baixo São Francisco. Além deste fato podemos notar também que o gado teve uma marca expressiva na economia sergipana, pois sendo importante na alimentação e, transporte contribuiu também com a produção canavieira do nordeste.

Dessa forma detectamos que o gado se adaptou às condições climáticas do sertão como também não precisava das bordas do mar nem demandava muito trabalho braçal num país, ainda, sem tantos habitantes e com vastos campos. Assim, a boiada foi sendo tangida Brasil adentro. Não apresentou problemas nesse afastamento do litoral para o sertão porque ele se “autotransportava”, facilitando e dispensando ajuda.

A concentração de gado era maior nas regiões da Bahia e Pernambuco, Sergipe era ponto de ligação entre essas duas regiões. No entanto esse fato não fez com que Sergipe tivesse sua importância para o processo de colonização da região nordestina.

Percebemos também, que através do gado muitos núcleos urbanos surgiram no vasto território de Sergipe.

O homem sertanejo construiu em seu universo peculiar sua própria identidade e é dessa maneira que caracterizamos como: valente, supercioso, dispostos a sofrimento e tudo mais que caracteriza o seu cotidiano. Atravessa a vida entre surpresas repentinas de difícil compreensão tão particular e tão expressiva.

Através da nossa pesquisa vimos com os relatos dos sertanejos em Porto da Folha, o gosto pela lida com o gado e a alegria de festejar aquilo que no seu dia-a-dia é trabalho.

A Festa do Vaqueiro de Porto da Folha mobiliza o município, contagiando a todos com entusiasmo e euforia nos três dias de festa; não podemos negar que na atualidade existe uma dedicação maior com as atrações para o público que não gosta da pega do boi no mato, no entanto os valores que caracterizam de fato como: a corrida de boi na caatinga, o forró do vaqueiro, desfile, entrega dos prêmios e a benção aos mesmos; permanece fazendo com que o vaqueiro divirta-se na mesma proporção das outras pessoas. Foi notável também que mesmo a festa passou por alterações porque seria impossível que ela se mantivesse indiferente aos novos tempos. Na opinião de alguns entrevistados a festa foi descaracterizada, mas podemos concluir que essa descaracterização foi um entrelaçamento entre o moderno e o tradicional, fazendo com que a mesma a cada ano que passa aumente sua dimensão , nas suas múltiplas manifestações de ordem cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial, 1500-1800**. 7º. Ed.- Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. – Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Luis Antonio. **Vaquejadas**. IN: Revista Sergipana de Cultura, Aracaju, 1978.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América: Caracterização da Formação Brasileira**. – 2º ed.- Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial**.- 3º ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9º ed. Revista atualizada e ilustrada – São Paulo: Global,2000.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e Cantadores**, Belo Horizonte. São Paulo; ed. Itatiaia, 1984.

\_\_\_\_\_. **A vaquejada Nordestina e sua origem**. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Sociais. MEC, 1969.

\_\_\_\_\_. **Vaquejadas**. IN: - Tradições Populares da Pecuária Nordestina. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura, 1955.

FREIRE, Felisbelo. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju, Sociedade Editorial de Sergipe/ Secretaria do Estado de Cultura/ FUNDEPAH.

FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GONÇALVES, Maria de Fátima dos S. **A Festa dos Vaqueiros em Porto da Folha (1990-200)**. Universidade Federal de Sergipe. Nossa Senhora da Glória, 2002.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial II.** – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial I: 1820-1840.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial II (1840/1889).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

SANTANA, Pedro Abelardo de. **Aldeamentos Indígenas em Sergipe Colonial: subsídios para a investigação de Arqueologia Histórica.** São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O Problema da Terra no Sertão do São Francisco, (1820-1930).** CPDA/ETAP/FGV. Rio de Janeiro, 1980.

SOUZA, Kátia Maria Araújo. **As Missões Capuchinhas no Baixo São Francisco séc. XVII-XVIII; O Alto e o Trono no Período colonial.** São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.

VICTOR, Adriana. Encourados: **Inventário Fotográfico, Investigação Sonora e Registro escritos sobre o vaqueiro e a lida com o gado.** Recife: B52 Desenvolvimento Cultural, 2006.